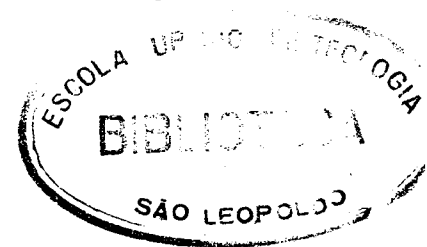


IVONE GEBARA

TEOLOGIA ECOFEMINISTA

Ensaio para repensar o
Conhecimento e a Religião

No. tombo:
79820



OLHO
d'água

setembro/1997

RELIGIÃO: UMA QUESTÃO PARA O ECOFEMINISMO

A reflexão sobre aspectos de uma epistemologia ecofeminista nos preparou para abordarmos a desafiante questão da religião.

Na introdução ao livro “A Religião”, editado a partir do Seminário de Capri sobre o tema, Jacques Derrida indaga: “Como ‘falar religião’? Da religião? Pode-se falar hoje da religião, no singular? Como ousar falar no singular sem medo e sem tremor?”³⁰ Eis algumas questões que tornam complexa a reflexão sobre os fenômenos religiosos, sobretudo atualmente, quando se afirma uma volta a ela. A que experiências corresponde esse movimento? Que conseqüências sociais provoca?

A cada dia nos apercebemos da proliferação crescente de credos religiosos acompanhada de uma espécie de confusão generalizada no nível dos valores éticos. Fala-se de pós-modernidade, de um certo reencantamento do mundo com acentuado misticismo, de uma busca de sentido para além dos parâmetros racionalistas propostos pela modernidade.

Essa proliferação do místico se acentua cada vez mais no atual sistema neoliberal. As religiões aparentemente não-sistêmicas, buscando comunhão com a natureza, propondo novas experiências do divino são abundantes sobretudo em meio à classe média, sedenta de lugares alternativos. As religiões secularizadas, que absorveram parte das estruturas tradicionais das religiões humanistas, se expandem na mesma progressão que os meios de comunicação. É a tele-tecnologia funcionando como “religião”.

³⁰ Derrida, J. (org.) “La Religion”, Ed. du Seuil, Paris, 1996.

As religiões não só se tornam mercadoria, mas entram na lógica das promessas do sistema estabelecido. O importante é prometer “algo melhor” para manter as frágeis esperanças. O real cumprimento das promessas é parte acidental do programa.

A tradicional necessidade das religiões, especialmente centrada na organização do sentido da vida, na convivência entre as pessoas, na busca de salvação parece hoje abalada pelos desafios da atual forma das relações humanas. A religião, fenômeno plural, parece ser utilizada para além de sua finalidade tradicional. Parece se manifestar de formas múltiplas de maneira a tornar difícil a delimitação do seu sentido e campo de ação.

Crítica ecofeminista à religião patriarcal

Ao mesmo tempo que proliferam as religiões como produtos de supermercado, os movimentos de mulheres e ecológico, têm denunciado a estrutura patriarcal das religiões que fizeram obra de civilização e cultura, particularmente na história do Ocidente. As razões para tal crítica não são apenas as assinaladas por Marx (“suspiro dos oprimidos”) mas denunciam a dimensão de exclusões particulares como a das mulheres e a objetivação da natureza em vista do lucro. Denunciam o esquema hierárquico que reproduz, sob forma de religião ou de partido, estruturas de relacionamento que excluem a maioria em favor de elites.

A mesma estrutura hierárquico-patriarcal das religiões humanistas tradicionais está presente nas “religiões de mercado” tão difundidas especialmente no meio popular. Entretanto, o feminismo latino-americano se dedicou menos à reflexão sobre a instrumentalização que as religiões do mercado fazem das mulheres. Este é um campo aberto.

Uma observação empírica mostra que a maioria das estruturas religiosas e sua ética têm a ver com uma conduta hierárquica, particularmente masculina, vigente na vida social e familiar. Os

deveres religiosos, a relação com as pessoas, o domínio do homem na ordem doméstica e pública foram sempre definidas como comportamentos para toda a humanidade. Nessa visão hierárquica, o varão tem “poder sobre as coisas” assim como Deus tem poder sobre tudo o que existe. Fora da natureza e superior aos seres humanos, Deus impõe sua vontade, determina os limites dos comportamentos, legisla, castiga e salva. Esta concepção encerra uma concepção do poder “religioso”, como “poder sobre”, base para os poderes hierárquicos que estruturam as relações humanas.

Isto explica a dificuldade da maioria dos grupos de base de mulheres no Brasil em captar a legitimação religiosa do sistema social hierárquico. Da mesma forma têm dificuldade de acolher conteúdos religiosos mais democráticos e menos “miraculosos”. O sistema cultural vigente dificilmente acolhe alternativas diferentes porque muitas vezes elas significam a marginalidade em relação aos valores religiosos reconhecidos. Uma marginalidade religiosa é insuportável quando já se arca com a marginalidade social e econômica. O caráter ambíguo da existência humana e do fenômeno religioso se revela aí.

Os exemplos se multiplicam. Lembro de mulheres de meio rural, trabalhando no corte de cana, com muita dificuldade em captar a interconexão entre os sistemas políticos e os religiosos autoritários. A religião continua sendo uma espécie de recurso último diante do desespero, da necessidade de segurança e de caminho de esperança. Um Deus poderoso serve de abrigo à violência do cotidiano. A luta pela sobrevivência e a “religião da televisão” dificultam a acolhida a uma perspectiva crítica em relação aos conteúdos e práticas religiosas. Quando falamos do poder de cada pessoa, do poder dentro de nós, do poder articulado da humanidade, do poder da Terra, é como se nos referíssemos a algo estranho à experiência concreta das pessoas, sobretudo das mulheres. A experiência cotidiana concreta é de um “poder sobre e acima de nós”, ao qual não temos quase acesso. Expressa-se de diferentes maneiras no lar, no trabalho, nas reivindicações por melhores condições de vida. As “sem-poder” vivem

a humilhação pelo simples fato de buscarem o direito de existir com um mínimo de dignidade. Entram no “comércio” político e religioso para simplesmente manter a vida. O espaço da pura sobrevivência restringe o espaço da reflexão. São extremamente lentas as mudanças dos comportamentos hierárquicos herdados e acentuados pelos “valores” vigentes na sociedade.

Por isso, o discurso sobre os processos democráticos não encontra eco em muitos grupos populares porque contraria a experiência cotidiana. Comportamentos igualitários baseados na justiça muitas vezes são apenas suspiros profundos, sonhos ousados, discursos românticos, mas que não parecem ter consistência no dia a dia. A vida cotidiana dita também a manutenção das opressões, embora seja, sem dúvida, lugar de frágeis experiências libertárias.

As relações sociais e suas construções mentais se organizam de forma hierárquica fazendo com que os considerados mais fracos dependam dos considerados mais fortes. Isso é encarado quase como um destino inelutável, o que dificulta o trabalho de mudança de mentalidade e cria guetos onde a teimosia de uma prática e um pensamento alternativos lutam penosamente para sobreviver.

Do futuro se pode dizer pouca coisa, sobretudo em relação às práticas feministas e ecológicas na América Latina. As análises do presente não nos permitem previsões. As esperanças que carregamos são forjadas na incerteza, embora repitam em nós que “amanhã será outro dia”.

Esta reflexão se enraíza nessa teimosia, capaz de esperar contra toda esperança. Seu conteúdo é marcado pela contribuição teórica de muitas feministas e intelectuais de diferentes lugares e tempos e também pela interpretação de minha convivência num bairro popular, das conversas com grupos de mulheres, de minha experiência de magistério filosófico e teológico de mais de 25 anos. Estas são balizas para os caminhos em prol de uma convivência humana mais terna, justa e solidária, agora.

Neste capítulo faço uma fenomenologia da religião. Procuro fazê-la sem repetir os clássicos dos séculos XIX e XX embora

tenha aprendido de Feuerbach, Mircea Eliade, Rudolf Otto, Joseph Campbell e outros. A fenomenologia que apresento tenta descrever o fenômeno religioso na sua complexidade, tendo o feminismo e a ecologia como referências. /

Feminismo e ecologia perguntam às religiões o que estão fazendo das mulheres e o que estão fazendo do corpo da Terra. Perguntam às tradições cristãs de nosso meio sobre a marginalização de grupos sociais e particularmente das mulheres, sobre o poder no interior das instituições religiosas e na formulação de nossas crenças profundas.

Abro esta problemática do meu jeito, sem pretender propor pistas alternativas para a atual crise de referenciais religiosos. Alternativas não nascem de uma pessoa ou de um grupo mas são marcadas pelo surgimento plural, muitas vezes imprevisível, dentro de vários movimentos sociais.

Minha busca é comum a milhares de pessoas que não estão mais à vontade nos lugares onde outrora expressavam suas convicções profundas. Apesar disso, elas não querem perder a riqueza do passado, sobretudo do mundo de valores que a tradição religiosa humanista foi capaz de legar. Por isso, esta reflexão tem um sabor misturado de passado, de busca no presente e de esperança no futuro que já começou. Tem igualmente um sabor de crítica da ordem vigente, de acolhida dos ensaios alternativos e de desafiante esperança na força da Vida em nós.

A frustração de nossos sonhos de amor

“Somos convocados(as) a afirmar a integridade de nosso centro pessoal de ser, em relação com os centros pessoais de outras espécies e, ao mesmo tempo, aceitar a transitoriedade desses seres pessoais”³¹

³¹ Reuther, Rosemary Radford, “Gaia and God: an ecofeminist theology of earth healing”, Harper San Francisco, 1992, p. 251.

Essas palavras de Rosemary R. Reuther nos abrem para a necessidade de repensar a realidade religiosa de nossa existência a partir de comportamentos relacionais e nos situa no interior da perspectiva ecofeminista. Elas nos convidam a usufruir o privilégio de refletir por uma mudança nas relações humanas. Elas nos comprometem com as excluídas e excluídos de nossa sociedade para que a integridade de nossas vidas seja exigida e salvaguardada. Elas nos convidam a acolher a beleza do efêmero de cada existência.

Como re-situar a religião como experiência pessoal, comunitária e instituição social? Como captar aspectos e significados da religião cotidiana, informal, não regulamentada? Como compreender melhor esse fenômeno sobretudo quando o encaramos a partir da vida das mulheres?

É preciso captar a religião não apenas a partir da instituição religiosa, mas para além dela e através dos comportamentos que parecem estar fora do controle dos que detêm o poder religioso.

Não quero fazer a crítica fácil das religiões presentes em nosso continente desde a colonização e mesmo antes. Hoje, o problema não é apenas denunciar os erros ou entrar numa espécie de profetismo radical sem saída, mas tentar reconhecer que há erros e o mais urgente é buscar alternativas que nos dêem a alegria de viver, o sentimento da integridade recuperada e o sentido de nossa existência.

Tenho-me perguntando se aquilo que chamamos de “religião” — mesmo num sentido amplo e considerando suas ambigüidades — tem realizado o papel de criar relações, de re-ligar as pessoas entre si, com a Terra, com as forças da natureza. Me pergunto se a religião institucional tem desenvolvido comportamentos de consolo, de ternura e misericórdia, se tem ajudado as pessoas a viver seu cotidiano com mais dignidade e a carregar cada vez mais numerosas perguntas sem resposta. No interior desse significado etimológico de “re-ligar”, ou “re-ler”, a realidade a partir de uma perspectiva de comunhão encontra-se um dos núcleos mais significativos de toda experiência religiosa. A partir desse

núcleo poderíamos tentar uma reflexão limitada, porém diferente em relação a função individual e social das religiões.

Freud, em “O futuro de uma ilusão”³², falava de uma tríplice função dos deuses: exorcizar nossos medos da natureza, reconciliar-nos com a crueldade do destino; retribuir os sofrimentos e privações impostas ao ser humano pela vida em comum no interior de uma cultura.

Para Freud, os seres humanos criam representações religiosas a fim de tornar mais suportável a vida em sociedade. Nesse sentido, a religião seria uma “ilusão”, uma criação imaginária.

A partir desta compreensão da religião, se dirá que esta vida se defronta com outra, na qual a perfeição será possível e a partir da qual até a morte será resgatada por um modo superior de existência. Este seria o justo desígnio da Providência divina.

O esquema religioso “ilusório” descrito por Freud parece dobrar-se hoje em diversas formas, muitas das quais não propriamente religiosas e das quais é difícil esboçar todos os contornos. O que as caracteriza é a marca dualista e hierárquico-patriarcal, que significa a pretensão da existência de um estado mais perfeito que se afirmaria para além das contradições cotidianas. Esse estado ideal serviria de estímulo para superar os males do presente, afirmando um futuro melhor, uma dinâmica jamais terminada nos limites da história humana.

É verdade que sempre vivemos necessitadas(os) de estímulos para superar as dores do cotidiano mas não queremos nos entregar à negação do presente presente nos esquemas dualistas. Eles parecem carregar a certeza de que o que se espera será bem melhor, como se isso fosse totalmente diferente do presente e isento de suas contradições. O esquema dualista quer evitar as ambigüidades múltiplas que caracterizam nossa existência para proclamar a vitória sobre o sofrimento, as dores, o mal e a morte.

³² Freud, S., “L’avenir d’une illusion”, Quadrige/Presses Universitaires de France, Paris, 1995, p. 18.

Mas, seria plausível tal proclamação? Essas realidades dolorosas aparecem como intrusas na festa da vida, que é preciso expulsar, como se a vida fosse apenas a festa que se imaginou. Se há algo consolador para muitas pessoas neste dualismo religioso, há também um esquecimento do presente. Ao mesmo tempo que lamentamos o passado esperando um futuro melhor, tendemos a não captar a beleza e a tristeza do presente, sua ambigüidade, lógica e densidade próprias.

À luz do feminismo e da ecologia a compreensão da religião como forma de exorcizar o medo da natureza, como dizia Freud, embora antropológicamente compreensível, reforçou a idéia de dominação e exploração do ser humano sobre a natureza.

O que provoca medo precisa ser submetido, controlado. O domínio provoca a diminuição do temor, mesmo se os dominados possam rebelar-se contra os dominadores, ameaçá-los e em seguida reproduzir seus comportamentos. O mesmo se pode dizer em relação às mulheres embora a relação seja existencialmente diferente. O medo de sua força, de seu corpo e capacidades vitais contribuiu para o desenvolvimento de diferentes formas de dominação, de revanchismo, de controle e de inferiorização.³³ Basta lembrar do quanto a moral cristã enfatizou o fato de que as mulheres eram mais inclinadas ao pecado do que os homens, defendendo sua superioridade espiritual.³⁴ A fraqueza das mulheres justificava submetê-las. Mulher e natureza foram consideradas inferiores ao varão, colocado no degrau mais importante na hierarquia dos seres.

Uma das funções da religião patriarcal foi exorcizar os medos através da dominação e da exclusão. Esse exorcismo não apenas aconteceu a nível simbólico e discursivo mas nas práticas concre-

³³ Ver a esse respeito: Sjo, Monica & Mor Barbara, "The Great Cosmic Mother, Rediscovering the Religion of the Earth", Harper & Row, Publishers, San Francisco, 1987.

³⁴ Heinemann, Uta Ranke, "Eunucos pelo Reino de Deus", Mulheres, Sexualidade e a Igreja Católica", Ed. Record/Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1996.

tas. Por isso as contradições históricas inerentes à religião patriarcal podem ser qualificadas como excludentes não só das mulheres e dos "diferentes" — pessoas e grupos fora dos padrões considerados normais — mas também da natureza e suas energias. O domínio masculino do *establishment* tem que ser hegemônico em quase todos os níveis da atividade humana e particularmente no religioso.

Suspeito que há uma outra pseudo-religião extremamente forte que se afirma ora sutil ora abruptamente, em oposição à religião humanista cristã. Essa outra religião assume, na atualidade, um papel cada vez mais importante na organização de nossas relações sociais. Ela guarda o esquema dualista mas exhibe no seu discurso a mesma estrutura e valores da religião humanista. Esta outra religião que perpassa nossos comportamentos e é veiculada pelos meios de comunicação, nem sempre desperta a compaixão, a justiça e o amor ao próximo. É uma "religião sem religião", sem mutualidade, sem reciprocidade a longo alcance, sem misericórdia efetiva e afetiva. É uma religião do imediato, que reduz os problemas relativos ao sentido da existência, do sofrimento, das frustrações a procedimentos quase técnicos, com soluções ao alcance de todos. É uma religião, diria Marx, para um "mundo sem coração", que explicita o "destino" humano sempre em vista de vantagens para o poder estabelecido.

São esvaziados os problemas do coração humano, que tem sede de sentido assim como o corpo tem sede de água e fome de pão. A religião como re-ligação, expressão profunda dos anseios é rebaixada ao nível das religiões-mercadorias e estas são capazes de amortecer a consciência humana. O que as elites das estruturas sócio-econômicas negam à população carente aparece como promessa dessas religiões a serviço do mercado. Elas parecem ser um substitutivo das religiões humanistas e utilizam mecanismos de alienação sutis e eficazes.

Contata-se que há forças muito maiores que os valores religiosos propostos pelo cristianismo e que movem as sociedades

ainda chamadas de cristãs. Por isso, há uma adesão aparente aos valores propostos pela religião tradicional como instituição, mas que é incapaz de levar a transformações efetivas na linha da justiça social e da solidariedade.

Os valores da religião humanista são apreciados embora concretamente não sejam abraçados devido a sua inadequação às estruturas que regem a sobrevivência cotidiana. As religiões humanistas são um sonho bonito, capaz de motivar algumas pessoas mas sua eficácia histórica parece ter entrado em colapso.

Cada vez mais surgem comportamentos sociais e pessoais distantes do respeito devido a cada ser, da justiça e da busca de igualdade. Ainda pregando estes valores, sentimos a angústia de não conseguir vivê-los. Por que continuar chamando de “religião” a este fenômeno mais forte do que as religiões humanistas e que se aproveita delas?

De fato, só por analogia usamos o termo “religião”. Isso porque ele funciona com estruturas sociais, culturais e psicológicas semelhantes às das religiões humanistas institucionais. Estas, além da abertura ao próximo, são religiões hierárquico-patriarcais: guardam uma hierarquia básica na sua forma de compreender o mundo, o ser humano e Deus. Mantêm uma contradição histórica, pois muitas vezes estiveram do lado do poder dominante, embora se apresentassem a serviço de todas as pessoas, sem distinção de classe, sexo ou raça. Aqui está sua força de persuasão e sua ambiguidade, aliás bem aproveitadas pela religião do mercado.

A “verdadeira religião”, para usar uma expressão tradicional, está onde oficialmente não a buscamos. Parece esconder-se sob formas diversas encontradas em pequenos grupos ou pessoas individuais na sua relação a outras. Essa presença minoritária reveste-se de uma importância fundamental pois a partir dela encontram-se espaços para uma vivência mais plena do sentido da vida humana. Ao afirmar isso, estou propondo um sentido prévio para “religião”, o que me permite avançar minha reflexão.

Não é possível mover-nos reflexivamente sem um mínimo de clareza em relação ao significado das expressões usadas e sem afirmar os valores que abraçamos.

As religiões sempre desenvolveram comportamentos individuais mas com efeitos coletivos. O comportamento público aparecia como consequência do comportamento privado. O homem bom na família era considerado um homem bom no trabalho, embora isso nem sempre se pudesse verificar. O público e o privado, mesmo independentes, estavam bastante interligados.

A mesma interdependência persiste na abordagem mais moderna sobre as relações entre público e privado na religião. Por isso, os grupos que representam a religião do mercado insistem em trabalhar a nível da vida privada a partir da qual se acredita poder manter o equilíbrio na vida pública e o controle dos indivíduos a serviço do sistema. O público para eles não é uma rede de relações de interdependência a partir da qual cada um tem que ceder em seus ímpetos de posse e poder em prol do bem comum. Não é o lugar da responsabilidade ética comum na construção de estruturas que favoreçam a vida de todos e do planeta. Para eles, o ideal está quase que exclusivamente situado no indivíduo, o qual se torna soberano. Cabe a ele copiar o modelo de santidade ou heroísmo ao qual está chamado. O indivíduo deve conformar-se às leis e ao projeto de Deus na história.

A benção de Deus é dada ao indivíduo enquanto tal: por isso, a análise crítica do acesso às riquezas não é suficientemente questionado e a problemática sexista e racista não emerge. É como se o discurso religioso atingisse um espaço de bondade para além das cumplicidades opressoras presentes nas mais diferentes pessoas. Assim, o discurso universalista sobre a bondade de Deus ou a força do Evangelho encobre as diferentes maldades que fazemos.

As mulheres devem obedecer a uma ordem social pré-estabelecida. Entram na dinâmica da cultura da obediência quase sem

perceber que obedecem sem escolher. Participam de uma igualdade idealizada e jamais efetivada na história real, cotidiana. Deus confirma a ordem vigente, apenas buscando ajustá-la quando há desvios ou quando as pressões sociais são muito intensas.

Poderíamos nos perguntar também a respeito da cumplicidade das religiões na produção da violência, particularmente contra mulheres e a natureza. À primeira vista, elas se apresentam como freios ou amortecedores da violência. Seus discursos sobre a paz e amor, a fraternidade universal, a força da ação divina parecem indicar que se pretendem isentos de violência. Mas, se analisarmos seus discursos e formas de agir perceberemos que a isenção é apenas aparente. Basta lembrar como o cristianismo utilizou o sacrifício e o sofrimento ao longo da História. Embora seja compreensível num contexto de luta contra a miséria, um discurso sobre o sofrimento apontando para a ressurreição ou sobre os mártires apontando para a santidade torna-se cada vez mais problemático e ambíguo.³⁵

Que sentimentos movem os grandes e pequenos produtores de violência organizada? Que forças fazem brotar esta irracionalidade quase sem controle? Como entendê-la na vida das mulheres e nas relações chamadas religiosas? Como compreender o fato de que as mulheres sejam vítimas e também reprodutoras da violência? Como entender a violência contra a natureza?

Ficamos espantadas de ver o crescimento da violência e do individualismo não apenas no mundo dos ricos, mas também nas camadas mais pobres. Cada grupo emprega a violência para se preservar dos outros. Para alguns, trata-se de se proteger com guardas ou exércitos privados; para outros, trata-se de comprar armas ou ter uma boa peixeira na cintura. Vale a observação de

³⁵ Ver o interessante artigo de: Brown, Carlson Joanne/Parker, Rebecca, "For God So Loved the World?" in "Christianity, Patriarchy, and Abuse. A feminist critique". Joanne Carlson Brown & Carole R. Bohn Editors, The Pilgrim Press, Cleveland, Ohio, 1989.

Zygmunt Bauman: "Em geral, as vítimas não são eticamente superiores a seus agressores; o que as torna melhores e confere credibilidade a seus clamores é o fato de que, sendo mais fracas, têm menos oportunidade de praticar a crueldade".³⁶

Assim, os deuses à imagem de cada um(a) e segundo suas possibilidades servem para garantir esse sistema de proteção de uns contra os outros. Cada um produz e é cúmplice de violência a partir do lugar social que ocupa. Assim, a espiral da violência segue seu curso, na maioria das vezes justificada pelas religiões.

Cada grupo tem seu ídolo, mesmo se o nome empregado é "Deus". Essa globalização sagrada contribui para legitimar a violência pois não se parte para uma construção das relações humanas em todos os níveis.

A luta pela pena de morte, por exemplo, é intensamente desejada inclusive por grupos que se afirmam cristãos e defensores da justiça. E o mandamento "não matar" continua ensinado nas escolas e nas igrejas e o valor da vida proclamado em declarações sobre os direitos humanos! Entretanto quando nossos corpos e nossos bens são ameaçados, raramente nos perguntamos pelas estruturas produtoras de violência mas exigimos a eliminação da violência através de processos violentos. Não há projetos de saúde social preventiva, não há propostas educacionais que pretendam mudar nossa maneira de ver o mundo e agir nele. A falta de ações preventivas e a proliferação de ações punitivas agrava nossa comum enfermidade.

Mas, o que se passa com nossos princípios religiosos? Onde estão os valores relativos a nossas crenças profundas? Que deuses ainda são capazes de tocar nossos corações de pedra e transformá-los em corações de carne?

Não pretendo aqui acentuar moralismos estéreis nem apontar os culpados(as) por este sistema de destruição e sim verificar

³⁶ Baum, Zygmunt, "Postmodern Ethics", Blackwell, Oxford U. K. & Cambridge, USA, 1994, p. 227 e 228.

como ele aparece hoje como um descaminho quase universal de sobrevivência. Os sistemas religiosos aparecem ora como cúmplices ora como críticos destes sistemas sócio-econômicos, políticos e culturais: eles participam das mesmas buscas e contradições de todas as instituições sociais.

As religiões em muitas partes do mundo parecem obedecer à lógica violenta do sistema e trair os fundamentos que serviram de base para sua organização. Institucionalmente se faz o jogo do poder estabelecido. Não se falará publicamente o que se pensa quando está em jogo nosso interesse, poder ou sobrevivência. A separação entre o mundo público e o privado reproduz-se ambigualmente, apesar dos discursos que conclamam para uma luta contra os sistemas geradores de injustiça. A religião institucionalizada parece obedecer às relações de hipocrisia presentes em outras instituições, embora tente aparentar ser defensora do direito e da justiça em nome de Deus.

As propostas religiosas oficiais parecem cada vez mais não aplicáveis à realidade social latino-americana e incapazes de evitar a violência crescente. Nossas falas religiosas distanciam-se das condições reais que os atuais projetos de sociedade nos impõem. A impressão é de que falam de soluções a partir de um mundo desconhecido e propõem caminhos impossíveis de seguir pela maioria dos adeptos. Os caminhos não são vividos no interior das instituições religiosas, que inviabilizam suas propostas porque participam quase inevitavelmente da mesma lógica do sistema. Tornaram-se instituições poderosas com um sofisticado sistema de proteção, com um discurso hermético e com isso fogem dos embates que caracterizaram a maturação do sentimento religioso.

Nossas dificuldades não estão apenas no nível das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação ou na inadequação entre os discursos religiosos e o real. Há algo na cultura contemporânea mais forte que a nossa boa vontade de fazer o bem. Algo quase nos obriga a aceitar o que não queremos para viver apenas como podemos. Estamos numa espécie de mal indireta-

mente escolhido e de que não sabemos mais como sair. É como se nosso corpo tivesse sido invadido por um fungo que se alastra à flor da pele e cujo crescimento não conseguimos deter. Como explicitar este problema e seus dilemas? Como esboçar saídas ainda em embrião nesse sistema de exclusões?

Destruição do verde, da diversidade e de nossos símbolos

Rosalie Bertell, prêmio Nobel alternativo em 1986, pesquisadora em higiene ambiental, tenta retrair no seu livro *Sans danger immédiat? (Sem perigo imediato?)* como as políticas do lucro dissimulam do grande público a situação real da radioatividade, da poluição e das indústrias armamentistas.³⁷ Sinto que nossas igrejas também dissimulam a destruição de nossos símbolos e quase nada fazem para resgatar uma real qualidade de vida e um universo simbólico significativo.

Nosso mundo simbólico-religioso se constituiu a partir de referências que eram capazes de significar algo profundamente existencial. O discurso cristão, por exemplo, tinha certa consistência social apesar das contradições de sempre. Falar dos lírios do campo, da erva verde, dos animais e florestas, da beleza dos rios e da partilha do pão era uma forma de indicar certa verdade existencial, uma referência mais ou menos concreta para muitos que se diziam cristãos. Hoje, os lírios do campo são de plástico ou, caríssimos, produzidos em estufas. É cada vez mais difícil encontrar lugares, em meio à agitação urbana, onde o silêncio e a iluminação tênue sejam capazes de despertar em nós sentimentos de paz e tranquilidade, de consolo e ajuda mútua. A cidade e suas periferias são cada vez mais lugares de poluição sonora, buscada. “Retirar-se para rezar” e ouvir a própria interioridade

³⁷ Bertell, Rosalie, “Sans danger immédiat?”, *L’avenir de l’humanité sur une planète radioactive*, Ed. La Pleine Lune, Montréal, Canada, 1988.

torna-se uma inutilidade. As religiões do mercado são muito barulhentas na reprodução sentimental exacerbada dos dramas da existência e dos milagres de sanção. Elas obedecem à lógica dos instrumentos de comunicação, temem o silêncio porque ele poderia despertar belos sonhos.

Em muitos lugares quase não existe o convívio com o verde, o azul do céu, com as estrelas e a lua nas suas fases, com o ar puro. Quanto muito, pela manhã, em algumas cidades se respira um monóxido de carbono um pouco mais leve! Quase não encontramos fontes de água pura nem o ar que revigora o corpo. Tudo isso fazia parte de uma experiência religiosa presente nos salmos. A destruição das matas e a poluição tomam conta das grandes cidades e do campo e já não se tem o correspondente experiencial das palavras que expressam sentimentos religiosos. As liturgias repetem os mesmos cantares como se espécies de animais e plantas não corressem o risco de extinção. A religião repete o igual sem perceber que tudo já é diferente. Embora essa repetição guarde certo encanto, uma resistente poesia, já não é capaz de atuar eficazmente nos corações humanos.

Quase não se sabe mais o que é partilhar o pão e vibrar de alegria. Muitas pessoas estão quase sem pão e outras esqueceram o que é partilhar. O que significa “igualar-se a uma criança”? Hoje, temos medo das crianças, das que abundam nas ruas à procura de pão comprado com violência. Nossa sociedade tem medo das crianças! Absurdo! Em cruzamentos das ruas, ao avistar grupos de crianças, fechamos os vidros do carro. Elas nos amedrontam, agridem e até podem matar. E isso porque são agredidas e mortas às centenas e milhares por essa sociedade excludente que prepara o futuro apenas das elites.

Nossos valores e símbolos religiosos não têm mais solo existencial concreto. Foram reduzidos a palavras vazias que ainda lembram situações que quase não existem e que gostaríamos que fizessem parte de nosso cotidiano. Muitos diriam que o problema ecológico e o das crianças abandonadas são problemas sociais e

não religiosos. Sem dúvida são sociais, mas também religiosos. Os símbolos que significam nossos sonhos estão enfermos e não conseguem mais energizar nossa existência. Os símbolos que expressam aquilo de que não abrimos mão estão desgastados. É como se não conseguíssemos mais expressar através deles nossos desejos profundos, nossos sonhos de amor, nossas esperanças pessoais e coletivas. É como se estivéssemos obrigadas a ecoar palavras de ordem; é como se a obediência a esse sistema estabelecido se tornasse nossa religião sem escolha, sem discernimento. O novo império impõe seus deuses!

Como afirmar que a verdade nos tornará livres se, para sobreviver, temos de mentir quase sempre? Para vender nosso produto dizemos que ele é o melhor, quando duvidamos disso. Para permanecer no emprego elogiamos o chefe incompetente para ganhar seus favores. Mentindo, ensinamos às crianças a não mentir. Sabemos que é preciso mentir sempre nesta sociedade de aparente respeito humano, de futilidades diversas e de desprezo por quem não entra em sua lógica. Muitos mestres ensinam aquilo em que não acreditam e temem ensinar suas convicções para não perder o emprego ou o reconhecimento social.

Fechamos os olhos para a corrupção em todos os níveis e instituições como se ela quase não existisse. Enganar, competir, mentir, eliminar, roubar disfarçadamente, fazer de conta é a lei que rege a moral do mercado e até certo ponto das igrejas embora não se reconheça isso. Todos os terrenos parecem minados pelo mesmo tóxico, todos os povos se unem nesse “Evangelho da Perdição”, de “má notícia” segundo Edgar Morin.³⁸ Não seria esse destino comum o começo, trágico talvez, para uma busca de caminhos de solidariedade? Não seria o reconhecimento pessoal e coletivo de nossa cumplicidade com as diferentes opressões, da dificuldade em respeitar a diferença, um primeiro passo para voltar a sentir a beleza da vida?

³⁸ Morin, Edgar, “Terre-Patrie”, Editions du Seuil, Paris, 1993.

Crescem as religiões do imediato que oferecem curas e prometem empregos, que exorcizam e parecem resgatar a identidade pessoal, que provocam momentos de convívio e alegria. Mas elas parecem não perceber a lógica de destruição de nossa sociedade neoliberal. Atribuem os males a forças demoníacas e a outras causas que quase nada têm a ver com a responsabilidade histórica coletiva. Recuperam os deuses e os demônios que a modernidade havia perdido. Voltam a responsabilizar os espíritos malignos por nossa infelicidade e de novo apelam à força do Deus Poderoso, único capaz de combater os demônios que nos atribulam.

Instrumentalizam deuses e demônios para servir àqueles que mantêm seu domínio sobre o mundo. Os deuses e demônios das novas religiões fazem parte das instituições que se esqueceram da solidariedade e da ternura, embora apareçam como solidárias e ternas. Essa ambiguidade atravessa todas as práticas religiosas com maior ou menor intensidade. Silêncios, omissões, conivências, cumplicidades são os comportamentos intitucionais e atravessam nosso relacionamento cotidiano. Por isso pergunto: “Qual a religião que predomina? Que tipo de re-ligação acontece em nosso meio? Que tipo de re-leitura da vida estamos oferecendo? Não viveríamos uma meta-religião intitucionalizada pelo mercado econômico internacional?”

É com ela que a “nova aliança” salvífica é feita a fim de que a sobrevivência seja garantida. Com esses novos “sacerdotes” temos de conviver “religiosamente”. Parece que essa religião “guerreira” predomina em nossas relações cotidianas, mentirosas e poluídas.

A religião já não é mais o “suspiro dos oprimidos”, o “coração de um mundo sem coração” como disse Feuerbach³⁹, pois foi integrada ao mercado econômico, legítima as alianças políti-

cas, perdeu sua essência e poder de salvação. Ficou sem coração. Sinto que somos chamadas(os) a refletir de novo sobre isso que chamamos “religião”. Tarefa urgentíssima, para a sobrevivência da espécie humana e do planeta.

Religião e vida comunitária

A experiência cristã sempre foi vivida comunitariamente, mesmo quando momentos de nossa história suscitaram tendências mais individualistas. Nos últimos anos renasceu na América Latina a aposta na vida comunitária. Basta lembrar a importância das comunidades eclesiais de base em todas as lutas por mudança social em nosso continente. Entretanto, a experiência comunitária, como lugar de expressão pública de nossas convicções religiosas, parece abrir-se a novas perguntas.

A crise dos movimentos sociais dos anos 80, a crise ecológica e a ascensão dos movimentos feministas no palco das igrejas introduziram uma crítica aos modelos tradicionais de comunidade. Abriram também caminhos para a reflexão sobre o exercício do poder, os conteúdos sexistas, as posturas racistas e os excessos de antropocentrismo que marcavam a tradição cristã e a experiência recente das comunidades eclesiais de base. Em diferentes lugares da América Latina e particularmente do Brasil volta o desejo de vida comunitária que parece nascer mais dos grupos de mulheres.

O que é “ser comunidade”? E no anonimato das grandes cidades? Como ser comunidade diante de uma televisão que nos fecha em nosso programa favorito? Como ser comunidade diante da desconfiança que corrói as relações de bairro e quarteirão? Como investir em ser comunidade depois de um dia estafante sobrecarregado por três ou quatro horas em transportes públicos? Como ter paciência em quando enfrentamos filas imensas para ser atendidas nos serviços públicos? Como alimentar a

³⁹ Feuerbach, L., “L'essence du Christianisme”, Ed. François Maspero, Paris, 1982.

compreensão depois de dois ou três dias sem uma gota d'água em casa?

Em grupos com os quais refleti na linha da teologia ecofeminista, percebi o mal-estar em relação aos conteúdos teológicos e simbologia tradicionais. Havia interesse em relação a situações alternativas nas quais se poderiam celebrar nossas crenças e esperanças profundas. Esses lugares ou comunidades ajudariam a alimentar o sentido de nossa vida e a dialogar na Babel social.

Os templos quase não podem mais ser considerados espaços comunitários alternativos pois continuam dominados pelo poder estabelecido e sem condições de enfrentar a problemática social e pessoal levantada por alguns grupos. Parecem espaçosos demais, frios demais enquanto nossas casas são pequenas demais. Conteúdo e espaço parecem tornar-se problema para quem busca uma alternativa em relação à situação vigente.

Muitas vezes ouvi mães preocupadas: “Como devo falar de Deus para meus filhos? Qual Deus tenho que anunciar? Será que a religião é mesmo importante? Quem lhes fornecerá critérios para um comportamento ético? A religião das escolas cristãs e das paróquias está distante de seus anseios e não os leva a assumir as posturas de fraternidade e de misericórdia...”.

Muitas destas perguntas refletem a insegurança de mulheres insatisfeitas com as referências tradicionais do cristianismo a quem faltam novas formulações seguras e uma comunidade que dê respaldo às suas perguntas e convicções nascentes. A crise dos conteúdos da religião tradicional é acompanhada da crise profunda da sociedade e se torna perceptível nos grupos.

A primeira necessidade de muitas mulheres é homens é ter um “lugar”, uma comunidade pequena na qual suas perguntas e convicções sejam partilhadas e pouco a pouco possam introduzir seus filhos e filhas. A comunidade aparece como um lugar construtivo que nos ajuda a viver, confirma nossas escolhas, respalda nossas dúvidas e nos dá energias para seguir.

O modelo das primitivas comunidades cristãs pode ser inspirador mas foi tão idealizado e desgastado pelo mundo patriarcal que não cria mais o impacto de que se necessita para as novas comunidades. O ideal que propõem parece distante das possibilidades reais de vivenciar a partilha para que não haja mais famintos e necessitados em nosso meio. Apesar disso, podemos resgatar esses textos a partir da problemática real que vivenciamos, se os assumirmos como inspiração para nossas ações.

Como criar algo capaz de ser o fruto de nossos desejos, de nosso corpo, o bom espaço para viver com mais dignidade? As respostas ainda são pouco eficientes. Há tentativas de pequenas comunidades mas ainda falta muito para que os anseios de muitos grupos se torne realidade. Frustrações, competições, descaminhos e despedidas são muito presentes e revelam a fragilidade das iniciativas.

A existência desse mal-estar em relação aos referenciais tradicionais da teologia cristã e em relação à necessidade de lugares comunitários é afirmada a partir dos sentimentos de vários grupos em sua busca de alternativas. Entretanto, tal sentimento não é geral, visto que muitos grupos que se dizem cristãos estão satisfeitos com os lugares tradicionais e sua simbologia. Para muitos, os referenciais tradicionais ainda funcionam. Nesse sentido, não se pode falar de crise generalizada dos referenciais religiosos cristãos. Então, quem está em crise? Que religião parece estar em crise? Que esperanças estão silenciosas? É preciso evitar a tentação das generalizações, já que todas as interpretações dos momentos históricos são situadas, datadas e provisórias.

Os grupos que vivem uma crise mais aguda de referenciais religiosos seriam os militantes ou intelectuais, especialmente de esquerda, trabalhando em movimentos sociais com referência a um projeto religioso. São também as mulheres, especialmente as que atuaram em frentes sociais motivadas pela inspiração cristã de corte patriarcal. Com o crescimento do movimento feminista e a crescente crítica ao patriarcalismo há uma perda dos referen-

ciais tradicionais e uma tentativa de reorganização do sentido da vida a partir da valorização das mulheres.

Essa busca de uma nova organização de sentido de certos grupos minoritários contrasta com o crescimento impressionante na América Latina de expressões religiosas de tipo fundamentalista, pentecostal ou carismático. Estádios imensos se enchem de fiéis em catarse, louvando a Deus em alta voz, falando em línguas. Emocionam-se, choram, gritam. Curas, exorcismos especialmente sobre mulheres, solução de problemas econômicos e afetivos são o cotidiano dos programas de TV e dos centros de expansão dessas religiões. Setores da Igreja Católica as imitam e começam a oferecer programas que privilegiam a salvação imediata.

Novos deuses e novos demônios se digladiam no cenário público e privado tentando separar os condenados dos eleitos, os impuros dos puros, os mestres dos escravos. A luta dos deuses cruza os céus a bordo de satélites. Para alguns é paradoxal falar em crise em meio a tanta manifestação religiosa. Por que questionar as teologias tradicionais de cunho patriarcal quando se desenvolvem tantas religiões sem teologia sistematizada e que até ameaçam mais.

Afinal, grupos religiosos com muita audiência na TV deixam de lado a maturação lenta de um sentido para a vida, com a compreensão de conteúdos, com a formação do caráter, com um referencial de valores. Privilegiam as necessidades imediatas, a dor deste momento, a emoção intensa, a preocupação que quebra uma aparente harmonia da vida. As religiões sem teologia elaborada proliferam a olhos vistos. Se elas respondem a necessidades imediatas, se oferecem aquilo que as instituições são incapazes de dar, por outro lado reforçam o modelo hierárquico de sociedade voltado para alguns privilegiados. As novas religiões da mídia, com templos em quase todos os bairros populares, desempenhariam uma cidadania supletiva. Por uma hora alguém se sente valorizado, o centro de atenções, pertencendo a uma comunidade que ora por ele ou ela. Da orfandade social se entra

numa experiência de filiação, do anonimato se vai ao reconhecimento de membros de uma mesma igreja, do desprezo se salta ao valor imediato da pessoa. Do abandono se experimenta a filiação divina e se prova a harmonia do céu.

As estruturas sociais não são questionadas. Quase tudo se resolveria no mundo da religião. As soluções para os problemas históricos pessoais, provêm de entidades supra-terrestres atuando se invocados com convicção e insistência. As mudanças são imediatas, os milagres abundantes!

Impressiona-me ver homens desempregados em meu bairro, muitas vezes marginalizados por sua família, vestirem terno e gravata e irem ao culto. Transformam-se... Deixam de ser “João ninguém” e passam a ser “Sr. João”. Experimentam o gosto da dignidade, abrem-se através desse meio ambíguo para uma certa cidadania. Mais tarde a monotonia retomar o seu ritmo e pouca coisa mudará. Mas, naquele instante algo de bom foi vivenciado e talvez isso seja motor de alguma mudança pessoal futura que nossa análise intelectual não foi capaz de apreender.

Nestes grupos religiosos, as mulheres mantêm um papel social subalterno e sequer têm espaços para levantar questões mais críticas. Casos concretos de violência conjugal não puderam ser denunciados porque algumas igrejas conclamam as mulheres a evitar o escândalo público. Os conteúdos teológicos sublinham a superioridade masculina e a importância da obediência das mulheres à autoridade patriarcal e seu papel de mantenedora da harmonia familiar. Mas as mulheres experimentam um reconhecimento por parte da coletividade. Elas se tornam “irmã Ana”, “irmã Deolinda”, “irmã Rosa”. Reforçam a estrutura sócio-religiosa vigente, convencidas de que há uma ordem divina a ser respeitada.

A busca de identidade social, de cidadania e reconhecimento feita especialmente por empobrecidas(os) faz-nos repensar o projeto teológico ecofeminista. Percebemos os limites de nosso trabalho e de nossa ação, embora acreditemos nela. Nossa desconstrução dos conteúdos patriarcais e a denúncia da ideolo-

gia excludente têm escassa audiência. Nosso discurso se defronta com outros, mais poderosos e imediatistas. Nossas práticas surgem como muito exigentes para um povo que carrega uma centenária cultura de submissão escravista.

Estaria nosso trabalho de construção de novos conteúdos e de resgate dos elementos vitais das tradições ameaçado pelas religiões sem teologia elaborada? Difícil responder a esta questão. Somos pequenos grupos aqui e acolá acreditando nesta tarefa e fazendo algo a partir de nossas convicções. Queremos continuar. Não divisamos o resultado de nossas propostas. Apenas sabemos que elas são fundamentais para a vida presente e têm ajudado a vários grupos, sobretudo os que não se identificam mais com o universo simbólico das religiões patriarcais e se recusam a entrar na religião do mercado.

Outra atitude comum no meio popular, sobretudo no Brasil, e que não parece estar em crise é a combinação entre diversos credos ou mesmo organizações dentro de uma mesma instituição religiosa. Há uma posição espontaneamente inclusiva em alguns grupos de forma que as pessoas conservam os elementos que lhes servem. Pode-se pertencer ao candomblé e à irmandade católica do Senhor do Bonfim, filiar-se à ordem terceira franciscana e ao movimento carismático, ser católica, estudar teologia com os luteranos e consultar-se com um guru espírita ou budista. Eis-nos diante da complexidade do fenômeno religioso atual e da nossa incapacidade de abordagens fechadas.

No fundo, a lógica interna de cada tradição interessa apenas aos estudiosos. Para o povo em geral, há outra lógica que é construída. Seu ponto central se relaciona com a diversidade de tradições que estão na origem de nossa cultura e com a necessidade de sobrevivência econômica e de significados para os acontecimentos da existência. Tem-se a impressão de que, embora muitas pessoas se filiem à lógica da estrutura social vigente, muitas vezes escapam dela e revelam outras lógicas dependendo das necessidades a que se vêem expostas.

Os grupos políticos e religiosos conhecem bem o pluralismo das necessidades populares e são capazes de manipular a boa fé das pessoas. Por causa de nossas necessidades se pode apelar a quem puder ajudar e se manipular a quem precisa de ajuda. Santos católicos e orixás não hesitam em se dar as mãos em favor do bem-estar de alguns fiéis. Tudo isso torna complexo o discurso hodierno sobre o fenômeno religioso a partir de um único referencial de análise.

Essas angústias concretas me estimulam a repensar a religião a partir de novos referenciais. Não pretendo ter respostas únicas para tais questões. Estou convencida de que não podemos deixar de refletir e de ensaiar novos passos, mesmo com o risco de errar. Em meio à luta dos deuses patriarcais algumas mulheres ousam afirmar que o amor e a ternura mudaram-se de domicílio. Misturaram-se a novos tecidos, a novos vinhos, fermentos, águas, a novos lugares e corpos. Estão recusando as prisões patriarcais, as ordens rígidas das hierarquias, a frieza dos templos de pedra.

Biodiversidade religiosa

“O que é mesmo a religião?” Esta pergunta sempre retorna, sobretudo quando buscamos reorganizar o sentido de nossa vida e novos caminhos de ação. Essa pergunta se impõe cada vez mais quando as religiões institucionalizadas passam a servir ao poder estabelecido, fortalecem a alienação e entorpecem as consciências. “O que é mesmo a religião?” Pergunta que se impõe quando muitas(os) de nós já não sabem dizer com precisão se pertencem a uma religião reconhecida.

Rubem Alves diz que os seres humanos se recusaram a ser aquilo que, à semelhança dos animais, o passado lhes propunha. A vida se tornou dúvida, angústia, teimosia, inconformismo, busca sem fim do “pedaço de mim”, saudade de mundos sem nome. Por isso, “tornaram-se inventores de mundos. E plantaram jardins

e fizeram choupanas, casas e palácios, construíram tambores, flautas e harpas, fizeram poemas, transformaram seus corpos, cobrindo-os de tintas, metais, marcas e tecidos, inventaram bandeiras, construíram altares, enterraram seus mortos e os prepararam para viajar e, na sua ausência, entoaram lamentos pelos dias e pelas noites...”⁴⁰

Este texto me inspira a falar da biodiversidade das religiões acompanhando a biodiversidade do Cosmos, da Terra e a diversidade de culturas. Biodiversidade da re(li)gião! Regiões, religiões, relações... biodiversidade de conexões, de relações, de falas de amor, de buscas de sentido, de expressões de sentido. Este caminho se abre à consideração da re(li)gião numa perspectiva mais existencial e menos hierárquica institucional.

O respeito à biodiversidade e à organização da vida segundo as características de cada região e cada grupo de interesses fazem parte integrante do credo ecológico. Nossa existência se relaciona com o lugar e o tempo em que vivemos e disso muitas conseqüências podem ser tiradas.

Falar da biodiversidade das religiões é primeiro desenvolver uma atitude de respeito à diversidade de linguagem sobre o sentido da vida. A religião é uma linguagem. Não importa se tal sentido seja teoricamente elaborado ou não. Importa constatar que os seres humanos são incapazes de apenas obedecer a sua programação biológica mas buscam significados para o mundo a partir de seu corpo e para além dele. A biologia se torna cultura, é transformada pelos grupos humanos, organizada segundo suas necessidades. Por isso, nosso ser é sempre mais do que seus limites e sempre menos do que o caráter ilimitado que queremos lhe dar. Esse paradoxo somos nós.

A diversidade vital de significados sempre esteve presente na história humana. Sabemos o quanto cada grupo esquece essa

⁴⁰ Alves, Rubem, “O que é a Religião?”, Ed. Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1981, 2ª edição, p. 17.

realidade, tende a absolutizar suas verdades e tenta impô-las como supremas. A religião entra no circuito do proselitismo, dos dogmatismos e, portanto, dos mecanismos de poder.

A biodiversidade religiosa não é um vale-tudo anárquico, mas é afirmação de que não apenas uma visão da realidade, uma construção de sentido é aquela que está mais próxima da verdade. Significa que não há apenas uma maneira, mas milhares, de se afirmar o sentido da vida. Algumas se encontram, outras se conflitam, outras se excluem...

Nos últimos anos, a teologia feminista foi a reflexão que mais se abriu para a acolhida da diversidade e para a crítica dos dogmatismos religiosos. O simples fato de termos sido consideradas durante séculos seres de segunda categoria, ventres reprodutores de homens e deuses, nos permite hoje enxergar com mais clareza o caráter ideológico e manipulador das teologias patriarcais. Fomos convencidas de que a sina de ser o segundo sexo era um desígnio divino. Por muito tempo nos fizemos temer e até odiar nosso corpo para estar mais conformes à divindade, puro espírito.

A crítica feminista à religião patriarcal tem mostrado seus limites e sua construção teórica dependente da cultura vingente. Tal crítica quer recuperar os corpos excluídos e particularmente os femininos; quer ainda recuperar a religião como construção artística humana, marcada pela diferença de nossas percepções embora também pelas similitudes entre elas.

A religião aparece em nossa história como uma expressão da arte, um jeito de construir mundos e significados que se conectam a partir da vida cotidiana, que a orientam, dão-lhe variados sabores e coloridos. A partir da vida criamos ritos e ritos religiosos que nos ajudam a viver os momentos importantes da existência. Esta é uma prática de todas as culturas humanas./

Entretanto, embora tenham surgido em contextos determinados e respondido a questões precisas, freqüentemente as religiões tendem a assumir um caráter absolutista, imperialista e apenas

repetitivo de eventos fundadores. Por outro lado, na maioria dos eventos celebrados é notável a redução social da importância das mulheres e dos grupos marginalizados. Isso explica como a exclusão das linguagens diferentes se torna um comportamento institucional quase cotidiano.

Por isso dizemos que, quando uma linguagem religiosa tem pretensões efetivas de universalidade imperialista e, para isso luta para se impor e eliminar outras, ela rompe a corrente da biodiversidade. Fecha-se em sua verdade, torna-se quase um elemento destruidor. A ruptura da biodiversidade não toca apenas as relações humanas mais imediatas, mas também os grupos societários e os espaços físicos que se tornam objeto de agressão religiosa.

Os sistemas colonialistas apropriam-se de uma terra e de um povo, destroem suas crenças e tentam introduzir outras. A destruição da terra é a das crenças que ligam tal povo a tal terra. Esse mesmo processo destrutivo continua acontecendo e se distila através dos meios de comunicação de forma sutil e agressiva. Chega a impedir as pessoas de se fazerem as perguntas sobre a orientação a dar a suas vidas, sobre suas crenças profundas e sobre sua esperança. O eu pessoal e cultural quase se dilui num eu coletivo imposto.

O mesmo processo é copiado pelas religiões secularizadas. A nova divindade representada pelo mercado consumista nos leva a assumir seus sonhos e o tipo de paraíso e felicidade que prometem. A nova divindade exige sacrifícios constantes sobretudo para alguns, a fim de aproximarem-se de longe de seus altares e sentirem o cheiro de seu incenso. A nova divindade e seus ministros dão prêmios a alguns e castigo a outros, reproduzindo de forma sutil o velho esquema das religiões dualistas.

Tais comportamentos são significativos quanto ao corpo das mulheres. O mercado consegue culpabilizar nossos corpos porque não correspondem ao ideal da moda. Exigem cada vez mais sacrifícios para que nos aproximemos do ideal proposto. Entra-

mos inocentemente no esquema como se fosse apenas uma busca de saúde e beleza corporal, sem perceber a perversão embutida nessas propostas. Muitas mulheres se sentem julgadas, culpadas pelos deuses que se infiltram nos meios de comunicação social e se instalam em suas casas. Já não acolhem a originalidade da história de seus corpos, mas atormentam-se e infligem-se sacrifícios para compensar o pecado de não terem as medidas que se esperaria delas. Quanto mais sacrifício, mais lucro para os outros. Quanto mais privação de algumas coisas, mais consumo de outras. A denúncia da alienação do corpo pela religião patriarcal e por sua sósia, a religião sacrificial do mercado, nos impelem a pensar na perspectiva da biodiversidade religiosa.

A biodiversidade religiosa abre as portas para outro tipo de consideração, embora estejamos conscientes dos limites que lhe são inerentes. Trata-se de biodiversidade também no interior de uma confissão religiosa e não apenas o respeito ao diferente, completamente distante de nós. Trata-se de admitir que é tecida uma teia religiosa a partir da experiência de homens e mulheres, brancos, negros, amarelos ou mestiços, heterossexuais, homossexuais ou bissexuais. Essa teia de sofrimentos, alegrias e esperanças, embora guarde um fundo semelhante aos diferentes grupos, é experimentada na sua diferença, na sua particularidade, na sua historicidade própria.

Aí se situa o drama do dogmatismo das religiões e do dogmatismo no interior da convivência humana. Daí a necessidade de recomeçar a tecer laços qualitativos entre as pessoas a partir de pequenas comunidades de interesses próximos. O caráter de biodiversidade tirado da ciência biológica e ecológica precisaria ser profundamente refletido numa perspectiva religiosa. Não se trata de um novo reducionismo nem de uma espécie de religião universal, etérea. O universal tem a sua consistência no particular, no regional, no local. Enfim, no tempo e no espaço.

Não se trata de reduzir as relações humanas e os conhecimentos ao paradigma biológico/ecológico da diversidade vital

como se fosse um novo dogma. Trata-se de perceber o quanto as posturas imperialistas universalistas, tão presentes no mundo patriarcal, têm dificuldade de perceber que não há uma única teoria capaz de explicar todo o universo, todas as situações e relações. Falar de biodiversidade não é apresentar uma teoria e sim chamar a atenção para a realidade empírica dos fenômenos da natureza, da arte, das ciências, da história das culturas, das religiões. A biodiversidade cultural e religiosa tenta devolver à comunidade humana uma estrutura criativa que lhe possibilite viver relações mais pessoais e próximas da natureza, mais em contato com os sonhos e esperanças alimentados pelos diferentes grupos.

A biodiversidade pode ser constatada nos limites de uma família, na originalidade de cada criança, no pluralismo dos gostos alimentares, das combinações, dos temperos. Nada pode ser reduzido a uma expressão única sob o risco de matar a vida. A biodiversidade afirma o caráter processual, evolutivo do Cosmos, da Terra, de todos os seres e sua necessidade de organizar sua convivência também diversificada. Esse caráter processual atinge as nossas crenças mais profundas. A biodiversidade na reflexão teológica nos abre para o pluralismo das expressões da experiência cristã e muda nosso conceito de “unidade”. Não é perder nossa identidade, mas torná-la o mais possível verdadeira, mais próxima daquilo que vivemos, mais próxima das regiões onde se desenrola nossa existência. Por isso, a biodiversidade requer a formação de novas pequenas comunidades de fé, nas quais uma linguagem comum confira o respeito devido a cada grupo. O que nos une é o desejo de refazer nossas relações humanas, de desenvolver os valores da misericórdia, tão esquecidos pelo sistema vigente. Une-nos a necessidade de sentir de novo o calor dos corpos em torno de uma mesa comum, de ser pessoa e não apenas um número. O que nos une é o desejo de falar uma linguagem de comunidade, retomar símbolos que se ligam a nossa história e evocam coisas boas em nós. Liga-nos a esperança de

nos aceitarmos em nossas diferenças sem termos de tremer de antemão, caso nos descubram diferentes. Como diz Rubem Alves na abertura de *O Suspiro dos Oprimidos*:⁴¹

Sabia que a religião é uma linguagem?

Um jeito de falar sobre o mundo. . .

Em tudo, a presença da esperança e do sentido. . .

Religião é tapeçaria que a esperança constrói com palavras.

E sobre estas redes as pessoas se deitam.

E, deitam-se sobre palavras amarradas umas nas outras.

Como é que as palavras se amarram?

É simples.

Com o desejo.

Só que, às vezes, as redes de amor viram mortalhas de medo.

Redes que podem falar de vida e podem falar de morte.

E tudo se faz com as palavras e o desejo.

Por isso, para se entender a religião, é necessário entender o caminho da linguagem.

O “caminho da linguagem”, os jeitos de falar sobre o mundo, o tecer redes são tão diversos e sua beleza está em sua diversidade! Por que não tomar esta arte seriamente quando se trata de expressar nossas convicções religiosas, nossa relação com Deus, a Jesus, àquilo que faz sentido para nós? Por que não aproveitar os diferentes espaços que ainda temos para propor alternativas de linguagem, de sentido, de novas relações de amizade?

Tais comportamentos quebrariam a hierarquia das religiões e revelariam a multiplicidade de poemas que existem em nós, que só se expressam se houver ternura e alegria porque os poemas diferentes quebram a monotonia do coro de uma nota só.

As religiões patriarcais não só construíram mortalhas de medo, mas de morte. O exagero do antropocentrismo e do androcen-

⁴¹ Alves, Rubem, “O suspiro dos oprimidos”, Ed. Paulinas, São Paulo, 1984, p. 16.

trismo, especialmente presente na tradição cristã, nos tornaram cúmplices e legitimadores da destruição das matas, dos rios, animais e grupos humanos marginais.

A biodiversidade religiosa é a acolhida profunda das diferentes tapeçarias e é um exercício de ultrapassar nossas pretensões de que um só grupo deva ser o portador da verdade única e portanto, poderia dar-se o direito de apresentar receitas salvíficas para todos. A biodiversidade religiosa implica uma postura de humildade a partir da qual não pode haver poderes absolutos que comandem o sentido da vida ou a arte de tecer sentidos e evocar presenças que nos são caras.

A biodiversidade religiosa exige o trabalho de tecedores e tecedoras, exige a diferença de inspiração, de pontos, nós, desenhos, linhas, cores, agulhas e mãos. Daí por que as teologias feministas têm o seu lugar, o que não significa eliminar o tecido masculino, mas eliminar a pretensão universal da tecelagem masculina com suas características próprias. As teologias feministas são parte do tecido e não podem reproduzir tendências universalizantes e dominadoras.

Uma tapeçaria não pode ser eterna, atemporal e válida para sempre. Dela podemos guardar relíquias preciosas, torná-la obra exposta em museu ou em casa a fim de ser contemplada na sua beleza e integridade própria.

O efêmero tem a eternidade do instante e aí reside sua tarefa evocativa e inspiradora. O que passou, provavelmente deixou traços, pegadas, lembranças que são tecidos ao novo momento da tecelagem da vida. Mas, o que passou também pode não ter deixado traços visíveis. Muitas vezes, a tapeçaria tem que ser refeita, mesmo que se copiem alguns dos desenhos antigos ou que se aproveitem alguns fios que não apodreceram, mesmo que apenas a contemplemos numa galeria de arte. Isso é recriação, biodiversidade religiosa, respeito pelo novo momento, inspiração criativa, acolhida de novas mãos dispostas a tecer maravilhosos desenhos.

Algumas pessoas objetariam que nem todas as interpretações religiosas são aceitáveis. Isso porque algumas se desenvolvem a partir de uma perspectiva destrutiva. Excluem e matam aqueles que julgam inimigos de suas crenças. Tais objeções não podem ser esquecidas. A barbárie é também religiosa. Isso é verificável em todos os séculos e lugares do planeta. Trata-se de excessos e, quando se entra neles, deixa de ser religião: torna-se política ditatorial ou imperialista travestida de bem, de misericórdia. Por isso precisa ser denunciada e combatida.

Falar de respeito e de biodiversidade religiosa não significa que tudo é aceitável e que não devemos assumir posturas de luta contra as forças de destruição também nos espaços religiosos. As forças de destruição estão presentes como ameaça em todos os comportamentos humanos.

Mas, quem nos dá autoridade para afirmar que determinado comportamento religioso leva à destruição? Em nome de que deus destronamos outras divindades? Há um consenso nos grupos humanos, uma espécie de intuição fundamental que nos leva a afirmar, apesar de nossas contradições, que esses comportamentos parecem não promover a vida. Isso é afirmado com a consciência de que estamos expostos ao perigo de errar e nos enganar, de não termos enxergado bem os caminhos assumidos ou as denúncias feitas. Mas, não há outra via a não ser este frágil caminho humano para discernir e conhecer nosso mundo.

Somos levados(as) a admitir o caráter paradoxal da existência humana. Nossas certezas são sempre limitadas e por isso deveriam ser contextualizadas. Nossos esforços salvíficos são precários. Há que fazer e refazer acordos para viver, encontrar o bem comum e construir uma ética a partir da qual uma convivência mais ampla seja possível. A possibilidade de uma ética mais abrangente pode começar com uma simples reflexão sobre as coisas necessárias ao nosso corpo. Eis-nos de volta à simplicidade da existência, ao contato com as coisas básicas, necessárias à sobrevivência humana e de todos os elementos vivos.

Como disse Umberto Eco numa entrevista⁴²: “É possível constituir uma ética sobre o respeito pelas atividades do corpo: beber, urinar, defecar, dormir, fazer amor, falar, escutar (...) Obrigar alguém a viver de cabeça abaixada é uma forma intolerável de tortura(...). O estupro não respeita o corpo do outro. Todas as formas de racismo e exclusão constituem, em última instância, maneiras de negar o corpo do outro. Poderíamos fazer uma releitura de toda a história da ética na perspectiva do direito dos corpos e das relações de nosso corpo ao mundo”.

Pensemos no direito do corpo das mulheres, da busca de respeito à sua integridade em todas as dimensões da vida social. Alarguemos esta ética incluindo o corpo da Terra, o respeito ao ecossistema, o respeito por este Corpo Vivo no qual existimos e que constituímos.

A mesma ética poderia se aplicar às interpretações religiosas que se querem absolutas e universais. Não se pode obrigar as mulheres a aderir à mesma experiência de vitória ou de sofrimento que os homens, a mesma experiência do sofrimento e de Deus, de salvação e ressurreição. Elas fazem sua experiência a partir da história social de seu corpo. Não se pode prescindir disso no seu grito por Deus, na organização política e religiosa das relações humanas em vista do equilíbrio necessário à vida da Vida.

A acolhida da biodiversidade religiosa significa não apenas a acolhida da diversidade mas também de uma pauta comum na qual as tradições deveriam se inscrever. Esta pauta é o solo básico a partir do qual nasceram e subsistem todas as religiões e crenças. Ela se refere a uma responsabilidade comum de assumir a salvaguarda da natureza na sua complexidade biológica. Responsabilidade pela vida de todos os grupos humanos, por esse Corpo Vivo em evolução ao qual pertencemos. O respeito a outrem não é simplesmente deixá-los ser, mas é ser-com, con-

viver, com-partilhar visto que todos pertencemos ao mesmo universo, ao mesmo ser, à mesma teia vital com nossas particularidades.

Como diz Eugen Drewermann em *Le progrès meurtrier (O progresso assassino)*⁴³: “Não é suficiente apenas recordar que o mundo é uma criação de Deus ou ainda não é suficiente se pronunciar como alguns políticos, a favor ou contra a energia nuclear; é preciso uma reflexão religiosa fundamentalmente nova, capaz de romper com o antropocentrismo judeu-cristão tradicional, para reencontrar uma idéia de unidade e uma experiência religiosa do mundo, que na história ocidental das idéias foram sempre combatidas como anti-cristãs e panteístas e até mesmo ateístas”.

Esse desafio abre-nos para uma compreensão da experiência cristã e de outras, a partir de referenciais que incluam uma concepção mais ampla da fraternidade e da sororidade universais e uma devoção a todas as expressões deste único e multiforme Corpo Sagrado. Este tem sido o trabalho de muitas teólogas feministas, algumas das quais sem títulos acadêmicos ou obras publicadas, mas trabalhando com vigor e ternura em vista de um novo relacionamento entre as pessoas. Atuam animando diferentes grupos de capacitação de mulheres em várias frentes de trabalho, urbanas e rurais. Elas estão presentes em toda a América Latina fomentando o respeito aos seres humanos e à natureza como expressão do respeito ao sagrado de todas as coisas.

Com Thomas Berry penso que⁴⁴ “a era ecológica fomenta uma profunda consciência da presença do sagrado em cada realidade do universo. Há um sentimento de que se deve admiração e reverência às estrelas no céu, ao sol e a todos os corpos celestes, aos mares e aos continentes, a todas as formas vivas das árvores e flores, às muitas milhares de expressões de vida no mar,

⁴² Eco, Umberto, entrevista publicada no jornal “Folha de S. Paulo”, Abril, 1994, Caderno 6, p. 7.

⁴³ Drewermann, E. , “Le progrès meurtrier”, Ed Stock, Paris, 1993, p. 86.

⁴⁴ Berry, Thomas, “O sonho da Terra”, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1991, p. 59.

aos animais das florestas e aos pássaros dos céus. A principal necessidade para que haja múltiplas formas de vida no planeta é de natureza psíquica, mais do que de natureza física”.

Nesta frase se situa nosso grande desafio: educar a nós e às novas gerações para estabelecer uma ligação subjetiva a todos os seres, capaz de interromper a exploração e destruição do planeta e de sua população. Educar no respeito à diferença e à sua riqueza. Não conseguimos ainda nos desvencilhar do antropocentrismo, do androcentrismo e sobretudo da fascinação extrema que o consumismo exerce sobre nós. Esta postura se tornou nosso corpo, nossa psiquê, nossa forma atual de organizar o mundo. Sair dela com convicção e firmeza é um dos grandes desafios do próximo milênio. Temos um longo caminho; não podemos marcar passo sem avaliar o altíssimo custo em vidas que nossa atitude vem provocando, pois poderá ser tarde demais como diz John Cobb.⁴⁵

As religiões no sentido clássico têm uma responsabilidade social indiscutível para nos ajudar a desenvolver a sensibilidade para amar a Terra e a comunidade humana à luz de uma indissolúvel comunhão entre todos os seres. É a partir dessa tarefa comum que poderemos resgatar a força das várias tradições. Embora as religiões tenham dado poucos passos em direção à urgente revisão de seus conteúdos dogmáticos, em todas elas há pequenos grupos que se sensibilizam cada vez mais para estes desafios e abrem espaços alternativos de pensamento e convivência.

Essa sensibilidade alimenta a esperança de que no interior das religiões patriarcais possa haver brechas para sairmos da cumplidade em relação à devastação universal e brechas que abram caminhos para uma vida de comunhão mais efetiva e afetiva. Por esse caminho se encontrará um novo significado da religião e uma nova inspiração para nossa esperança.

⁴⁵ Cobb, John B., “Is it too late? A Theology of Ecology”, Bruce/Beverly Hills, California, 1972.

A extraordinária novelista afro-americana Alice Walker nos leva a pensar as bem-aventuranças ou as “ajudaças” (aquilo que de fato pode nos ajudar) a partir de nossa comunhão religiosa, relacional com a Terra e com todos os seres vivos. Sua inspiração permanece como uma “pro-vocação” de fé religiosa para além de toda religião:

Bem-aventurados aqueles que amam a Terra, sua mãe, e que sofrem tanto para que ela não morra; na extrema tristeza por causa de suas dores, choram rios de sangue, e se alegram em sua intensa resposta ao amor. Eles saberão conversar com as árvores...

Bem-aventurados os que encontram coragem de fazer ao menos uma pequena coisa cada dia para ajudar a existência do outro — planta, animal, rio, humano ser. A eles se juntará a multidão dos tímidos.

Bem-aventurados aqueles que perdem o medo da morte; deles é o poder de vislumbrar o futuro num fiapo de grama. Bem-aventurado quem ama e ativamente apóia a diversidade da vida; sentirão segurança na diferença.

*Bem-aventurados aqueles que conhecem.*⁴⁶

⁴⁶ Walter, Alice, “The Gospel according to Shug” in “The Temple of may Familiar”, New York: Simon and Schuster, 1989, p. 228-289. (Citado por Sallie McFague, “The Body of God, An Ecological Theology”, Fortress Press, Mineapolis, 1993, p. 212).